



Noções de tempo e espaço a partir da leitura de contra-antropologias – SULEAR e a antropologia do tempo

Daniel Luiz Arrebola¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo promover o debate teórico metodológico sobre o estudo do tempo e do espaço através da pesquisa etnográfica, problematizando nossa visão de tempo e espaço utilizando como base as leituras de outras epistemologias não utilizadas como princípios basilares das ciências sociais, como a sociocosmologia indígena. Será usado o estudo de caso de Davi Kopenawa e a proposta SULEAR, do antropólogo Marcio Campos, com o propósito de pensar um diálogo mais aproximado entre estas epistemes e a leitura do mundo, do tempo e do espaço.

Palavras-Chave: Antropologia do Tempo; Sociocosmologia Indígena; SULEAR.

Recebido em 20/03/2021
Aceito para publicação em 28/11/2021

Introdução

A sociedade inserida no cotidiano urbano e globalizado, com suas formas de ser e fazer são atravessadas diariamente por influências de outras culturas, sobretudo as do hemisfério Norte, principalmente Estados Unidos da América e Europa. A visão dos que habitam essa sociedade urbana sobre o outro foi ao longo de anos carregada de estereótipos e de estranhamentos às suas formas de ser. Até mesmo dentro da antropologia os modelos estadunidenses e europeus basearam, e ainda baseiam, parte considerável das produções científicas sobre outras sociedades, em especial a dos povos não ocidentais com suas próprias epistemes. Mesmo já distante dos modelos de antropologia de gabinete, ainda são pouco divulgados os trabalhos desenvolvidos de uma visão

¹ Bacharel em Ciências Sociais pela PUC Rio e Mestre em Políticas Sociais pela Universidade Estadual do Norte Fluminense - Darcy Ribeiro. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santos (PGCS/UFES). E-mail: daniellarrebola@gmail.com.

“de dentro para fora”, onde os até então “objetos de estudo” se tornam os próprios narradores de suas atividades culturais e formas de vida. Ou como apontado por Eduardo Viveiros de Castro, uma “contra-anthropologia” (KRENAK, 2020).

Um dos trabalhos neste sentido que se tornou marco no debate antropológico brasileiro foi o livro “A queda do céu” (2015), de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Nele, Kopenawa narra sua trajetória desde a infância, passando pela juventude de um recém xamã até às lutas no período da ditadura pelas terras Yanomamis. Entre as histórias é expressada a vida, forma de estar no mundo da floresta, palavras e a espiritualidade de um indígena do norte brasileiro. Para a antropologia, a contribuição deste Yanomami é fundamental para a construção de novos saberes a partir dos conhecimentos epistêmicos de outros povos e para o reconhecimento e fortalecimento de uma forma de compreender o mundo para além de modelos “pré-formatados”.

Sztutman (2009) aponta que o trabalho de Kopenawa e Albert é, para além de outro olhar sobre a antropologia, uma proposta teórica onde a visão natureza e cultura pode ser realizada pela antropologia contemporânea e, em especial, uma das formas ideias de debater as sociocosmologias ameríndias, já que o dualismo natureza e a cultura não é bom para se pensar estas sociocosmologias. A relação homem e natureza dá-se com foco no diálogo com os espíritos e o trânsito dos xamãs entre esse mundo e o mundo dos espíritos da natureza, sendo a própria natureza vista como também humana, na medida em que esta interação com tais povos é realizada durante séculos.

Sendo essas relações profundamente conectadas neste mundo, assim como aponta Latour (1994), estamos imbricados em uma série de relações que torna a natureza e a sociedade inseparáveis. Alinton Krenak (2020), em “ideias para adiar o fim do mundo” nos provoca a pensar o porquê criamos uma ideia de humanidade separada da ideia de natureza, transformando assim a Terra em um simples objeto de mercadoria. Até o próprio xamã Kopenawa chama os homens brancos de “povo das mercadorias”. Na medida que afastamos a natureza da nossa forma de vida estamos nos aproximando cada vez mais de um destino de fim, fim de uma era da nossa existência neste local, neste planeta, e não dele. Portanto, olhar através das epistemologias destes povos originários é possibilitar a abertura a propostas de outras formas também de pensar a natureza e, através dela, as leis naturais, como o tempo e o espaço, objeto foco deste trabalho.

As noções de tempo e espaço para a física

Conceituar tempo e espaço pode parecer uma tarefa muito simples, já que os conceitos existem, mas os atravessamentos e possibilidades são variados e é sobre eles que muitos físicos se debruçam na esperança de descobrir formas de manipulá-los, sobretudo o tempo.

Em uma explicação rápida e objetiva, o tempo é uma das quatro dimensões do que conseguimos observar e vivenciar no mundo real: largura, altura, comprimento e tempo. O tempo é a dimensão que caminha de maneira linear onde as demais dimensões percorrem. Ainda não se sabe se é possível um objeto avançá-lo ou retrocedê-lo de forma livre. Algumas possibilidades foram propostas por alguns estudiosos do tema, entre eles, e talvez de forma mais desafiadora, Stephen Hawking, contudo este mesmo físico que propôs grandes desafios para física foi o mesmo que trouxe junto para o debate muitos baldes de água fria, como no capítulo um de “O universo em uma casca de noz” com a história sobre o “*Tempo Imaginário*” (2016), onde o autor problematiza a proposta de um modelo de tempo onde, proposto anteriormente pelo matemático Hermann Minkowski, o universo é autocontido e completamente explicado pelas leis físicas sem a necessidade de considerações sobre seus limites externos, o que, como o próprio Hawking explica, é algo imaginário para o que se sabe atualmente sobre o universo.

Outro astrofísico que desafia a ideia de viagem no tempo, especificamente para o passado, é o americano Ron Mallet (2009), que acredita, baseado na teoria da relatividade geral de Einstein, que se é possível dobrar o espaço, seria também plausível a ideia de deformá-lo, ou seja, distorcer o espaço-tempo em voltas permitiria que voltássemos do futuro para o passado e depois para o futuro de novo, como um túnel de duas aberturas. Com certeza Mallet, Hawking e outros autores podem se destacar quando o assunto é pegar um conceito e “brincar” com ele.

Já o conceito de espaço é o meio que nos envolve. É dentro da estrutura do espaço que acontecem todos os eventos, sejam eles observáveis ou não, como o tempo. Para o espaço há as outras três dimensões: altura, comprimento e largura. Toda a dinâmica nas dimensões espaciais acontece de forma geométrica e em uma relação de um ponto para outro, obedecendo a lei de Newton de que dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço.

Trazer o conceito das leis naturais não é um exercício difícil, já que estas são postulações fechadas, sendo assim, desafiá-las não é nada fácil. Mas no

debate antropológico é possível que façamos outros olhares possíveis sobre estes dois elementos, observando os imbricamentos da natureza e cultura. Durkheim (1996) destacou em *Formas Elementares da Vida Religiosa* que desde as religiões primitivas que se originam nas comunidades, como a australiana, incluem categorias mais básicas, como a causalidade, o tempo e o espaço. Através do fenômeno religioso o ser humano cria seus próprios conceitos e formas para as leis naturais.

Antropologia do tempo – O desafio de pensar para além da física

Não somente de físicos se fazem as problematizações sobre o tempo. Antropólogos também tem discutido o tema a partir de outras percepções de tempo, semelhante a construção metafísica do tempo imaginário de Hawking (2016). Johannes Fabian (2013) e Alfred Gell (2014) são duas importantes referências na antropologia para esta discussão. Estes autores conceituam outras “formas possíveis” de se pensar o tempo. Fabian apresenta 4 tipos distintos de tempo. O *Tempo Físico*, ou natural, já apresentado acima, que para a antropologia “serve como uma espécie de parâmetro ou vetor na descrição do processo sociocultural” (FABIAN, 2016, p. 57). Apesar de ser um parâmetro do processo cultural, ele não é sujeito às variações que as culturas exercem sobre outros “tipos” de tempo. O desdobramento do *Tempo Mundano* e *Tipológico*. O *Mundano*, que possui uma relação mais próxima à cosmopolítica do tempo, já que, mesmo compreendendo as funções físicas do tempo, não está ligado a uma cronologia trivial, mas sim à marcação de grandes concepções, como eras e estágios. Este tipo de tempo serve tanto para a compreensão da evolução humana como das formas mais tradicionais do pensamento. O *Tempo Tipológico*, que não segue uma escala linear, mas é cronometrada por meio de eventos socioculturais. Aqui ele se despoja totalmente das leis naturais e se aproxima da história dos povos. Entretanto, é importante compreender que o *Tempo Tipológico*, por sua maleabilidade e dinâmica, é facilmente modificável, o que pode ser bom ou ruim. É nesta classe de tempo que repousa o poder do discurso e de todas as modificações que ele pode fazer. No nascimento da antropologia do século XIX, os chamados “povos sem história” são assim classificados por conta de um discurso hegemônico que não reconhecia o passado fora da Europa como legítimo e portador de outras identidades possíveis. E por fim, o *Tempo Intersubjetivo*, onde ele é compreendido como ação constitutiva da realidade social. Esta ideia de tempo apresentada por Fabian dá ênfase corrente sobre a natureza comunicativa da ação e interação humana.

Ainda em Fabian (2010), podemos trazer outra problematização da pesquisa antropológica que se relaciona com o *tempo tipológico*, as coleções. O autor aborda em uma conferência acadêmica, transformada em artigo, o uso de objetos simbólicos de povos do mundo como objetos meramente colecionáveis e que se transformam em peças de mercado na medida em que são visados em Museus. Se pensarmos que cada objeto carrega histórias, memórias e simbologias, o uso de objetos da pesquisa antropológica é também usar outro tempo, de povos com outras epistemes, de maneiras diferentes as propostas originalmente. Podemos dizer, uma verdadeira “apropriação do *tempo tipológico*” de civilizações passadas ou presentes.

Permanecendo nesta linha de raciocínio, construções temporais de povos com outras epistemes que não das sociedades urbanas e de tradição de pensamento eurocêntrico necessitam ser legitimadas pela antropologia como fontes subjetivas de pensamento do tempo, assim, expandindo o próprio universo de pensamento natureza e cultura. Nestes autores fonte de uma leitura tradicional de tempo nas ciências sociais ainda estamos limitados a uma compreensão marcada e problematizada com base em anos de pesquisa científica que tenta dar sentido ao mundo pela compreensão do que é considerado “verdade”.

SULear a antropologia do tempo através de outra compreensão tempo-espço

Em 1991, o físico e antropólogo Marcio D’Oliveira Campos (2019) cunha o termo SULear, que posteriormente seria usado na obra “Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido”, de seu grande amigo Paulo Freire (1972). Campos argumenta que, assim como há uma forma própria e coerente de se encontrar e compreender o espaço para os habitantes do Hemisfério Norte, o mesmo deve ocorrer para os do Hemisfério Sul. Por exemplo, não há lógica em posicionar-se para encontrar o referencial Norte diante da Estrela Polar, ela não pode ser vista abaixo da linha do Equador, o correto então seria encontrar primeiro o Sul, usando como referencial estelar o Cruzeiro do Sul, as costas do observador estará o norte. SULear, ao invés de NORTEar, é olhar o mundo através de onde estamos. Mas não só para sabermos nos posicionar e encontrar o caminho de casa, mas compreender nossa visão de mundo. Se estivermos sentados em uma cadeira, em frente a uma mesa e no centro desta houver um copo, se formos questionados “qual a geometria da boca do copo que você vê?” De prontidão muitas pessoas vão responder: “um

círculo”. Errado! Do nosso campo de visão para o copo a sua boca será uma elipse, somente é possível observar o círculo ao se olhar o copo de cima da mesa.

Neste sentido, é preciso que a própria antropologia do tempo passe por um “processo de SULEação”. Mesmo trabalhando com base no *Tempo Intersubjetivo*, o trabalho do antropólogo ainda permanece preso à concepção do “superior” ao “outro”. É o etnógrafo que vai a campo, olha, pergunta, anota, “compreende” e conclui seu trabalho dizendo: “A sociedade tal é assim!”. Raramente trazemos os “sujeitos da pesquisa” para dentro dela e construímos o trabalho de antropologia com eles e, até mesmo, verdadeiramente para eles, uma “contra-antropologia”.

Algumas das pesquisas nascidas no começo do século XXI talvez sejam promissoras no questionamento destes modelos. Dentre elas, com grande destaque, A queda do céu, em que Bruce Albert não faz o papel do antropólogo “padrão”. Na verdade, é Davi Kopenawa que lança a sociedade americanizada-eurocêntrica dentro de um novo mundo além de nossa compreensão judaico-cristã. Não podemos esquecer também as muito recentes produções de Ailton Krenak, destacarei aqui sua obra, fruto de algumas palestras realizadas, Ideias para adiar o fim do mundo.

Dois, dos diversos elementos apresentados por Kopenawa deste rico mundo Yanomami, são outras formas possíveis de construção dos conceitos de tempo e espaço. Ele, enquanto xamã, compreende a Floresta e a si mesmo por meio da relação com os espíritos que nela habitam, os *Xapiri*. Sztutman (2009) aponta que o xamã, ou pajé, é aquele que realiza o trânsito entre mundos. Krenak aponta que na leitura de Kopenawa o xamã torna claro que a forma de compreensão do mundo deste povo, assim como outros povos indígenas, é a de que eles e a floresta são um elemento só e, Davi Kopenawa narra esta conexão através da interação dos humanos (yanomamis) com os espíritos (*Xapiris*).

Os espíritos desafiam os paradigmas de tempo-espaço a todo momento. Eles estão em todos os lugares e ao mesmo tempo coabitam o próprio xamã, em uma casa construída somente para a moradia deles. Ao mesmo tempo que o xamã os descreve como seres do tamanho de um homem, de dezenas a centenas deles moram dentro do xamã, sem que para isso seu tamanho seja modificado. A casa dos *Xapiri* está dentro do peito do xamã, ele os sente e os alimenta diariamente com o pó de *Yakona*, a árvore sagrada. Newton com certeza nunca teve um bate papo com um Yanomami! Dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço, imagine dezenas! Os espíritos, além de ocuparem em grande número um mesmo espaço, podem se fazer presentes em muitos lugares ao mesmo

tempo. No corpo da flora e fauna local, no xamã e até em terras muito distantes, onde *Omama*, o Deus criador, foi habitar além do oceano, após o grande incêndio da floresta com a queda do peito do céu. Portanto, a compreensão de espaço para a cosmologia Yanomami é baseada na premissa da conexão humano-natureza-espiritual, onde estes três elementos fundem-se em um só e, sendo assim, coabitam-se de forma a poder ser muito mais de um ser em apenas elemento visível. A paca é animal e espírito *Xapiri* que por sua vez é humano se esta paca em específico é um xamã e, por sua vez, no peito deste xamã estarão abrigados dezenas de centenas de espíritos.

O tempo para os *Xapiri* é algo fluido, descontínuo e que foge a linearidade entabulada pelo *Tempo físico*. Eles estão presentes desde que *Omama* criou tudo, porém, mesmo sendo este o Deus criador, muitos espíritos já existiam antes que ele os criasse. A criação aconteceu há muitas gerações antes de Davi Kopenawa e antes da criação dos Yanomami e dos brancos, mas os mesmos espíritos ainda caminham e dançam desde este longínquo período. Os *Xapiri* possivelmente, se analisados a luz de Fabian, não estão nem entre o *Tempo Físico* convencional e nem entre o *Tempo Tipológico*, na verdade eles são verdadeiros personagens do *Tempo Imaginário* de Hawking (2016), onde é possível atravessar o tempo através de uma p-brana, isto é, uma finíssima camada de dimensão, ainda imperceptível para nossa ciência, onde o tempo e a gravidade se igualam a valores negativos e, desta forma, possibilitam o atravessamento entre uma dimensão e outra, sendo assim, possibilitam que estes seres avancem ou recuem no tempo de forma a anteceder a própria criação.

SULear a antropologia através da abertura para a subjetividade de epistemologias indígenas, como a Yanomami, possibilitou que Kopenawa promovesse neste livro um amplo debate sobre as relações sociais dos brancos, dos indígenas, a relação urbano x floresta, a exploração predatória dos recursos naturais, as mudanças climáticas e a vida na Terra. A contra-antropologia de Kopenawa, mesmo que ele não a reconheça como tal, é marcada pelo ser índio e ser xamã como agente de seu trabalho. Uma antropologia SULEada possibilita que consigamos debater os elementos de pesquisa com olhares de onde estamos, falando a partir de nossa própria visão de mundo, no local onde estamos e na realidade cultural a qual experimentamos diariamente.

Quando pensamos uma antropologia do tempo SULEada e, ousamos quebrar o paradigma do olhar urbano, possibilitando perceber esse campo da antropologia na leitura dos povos originários, como em Krenak e Kopenawa, conseguimos perceber que há variadas compreensões de temporalidade e

espacialidade que não estamos acostumados a discutir dentro da academia, fugindo, principalmente das leis naturais e propondo um modelo de fusão humano-natureza. O tempo das relações cosmológicas ameríndias é marcado por uma dinâmica altamente fluida, onde um agente, humano ou não-humano, pode perpassar escalas de tempo, e de espaço, conforme sua vontade. Se pensarmos na narrativa mitológica dos espíritos que viram homens, ou animais, ou plantas, aí já repousa uma modificação espaço temporal que não fomos capazes de abarcar em nossas pesquisas no campo das ciências hard, coube as ciências sociais se debruçar sobre este desafio. Na ontologia judaico cristã a transcorpificação, onde a hóstia transforma-se no corpo do Cristo, assemelha-se a esta dinâmica cosmológica indígena, entretanto, o diferencial da proposta religiosa cristã e a indígena é que o cristianismo não concebe uma mesclagem dos seus agentes sagrados com todos os elementos da natureza. Essa, por sua vez, é um elemento criado por uma força divina, contudo, as divindades, Deus Pai, Filho e Espírito Santos e os santos e santas não estão necessariamente presentes na mata, nos animais, nas águas, etc. Para os indígenas em cada elemento da natureza repousa o espírito carregado de sacralidade. Se retomarmos Durkheim (1996) podemos analisar ambas as manifestações religiosas, bem como as demais existentes, como desafiantes das leis naturais físicas, cada uma a sua visão mítica. Em algumas etnias existe uma cosmologia onde espíritos podem anteceder a criação, por mais que eles não sejam o primeiro ser criador.

Considerações Finais

Este artigo teve como propósito trazer à tona as problematizações que precisamos desenvolver na antropologia de maneira a aproximar esta ciência de novas epistemologias que não desconsiderem como produção de ciência as suas visões de mundo, de tempo e de espaço. É preciso construir uma antropologia do tempo que não se preocupe apenas em dizer que tipo de tempo observamos ou vivemos, mas que possibilite pensar muitos outros tempos possíveis, vistos e narrados pelos seus agentes de pesquisa em uma formação de “contra-antropologia”. Da mesma forma, é preciso que essa antropologia compreenda que o conceito de espaço também deve ser pensado de outra maneira, seja ele modificado junto com outros tempos ou não, desta forma, SULeando nosso georreferenciamento neste e em outros mundos possíveis.

Ailton Krenak e Davi Kopenawa, talvez, sejam dos melhores exemplos para se usar em uma abordagem etnográfica que não tem a intensão de olhar

para uma estrutura de tempo e espaço urbano padronizada em leis naturais ou outras legitimizadas por constructos socioculturais de origem europeia ou estadunidense, mas outras propostas que devem ser consideradas pelos antropólogos. Acredito que, assim como propõe Johannes Fabian, a antropologia costuma construir seu objeto de estudo através da ideia de que “precisamos compreender uma outra sociedade”, sendo que nesta “compreensão” serão marcadas nossas próprias ideias do que elas são. Desta forma, uma leitura onde os próprios “objetos”, pensando os povos indígenas como historicamente foco do estudo antropológico, narram sua trajetória é uma outra experimentação para a ciência.

Em uma episteme ameríndia a dinamicidade do tempo e do espaço podem servir para outros diálogos de pesquisa possíveis, como nas religiões de matriz africana onde o mundo espiritual também se faz presente e as entidades compõem uma narrativa mítica que também desafia as leis naturais e o *tempo tipológico* das sociedades urbanas. Ao entrevistar capitães de congado em Minas Gerais e questioná-los sobre as relações sagradas da festa de Nossa Senhora do Rosário, em uma ocasião um mestre me contou que “a falange dos preto veio caminha junto comigo e com Nossa Senhora do Rosário, mas eles num tão aqui não, tão em outro prano né, eles ta aqui, mas num tá”².

Além deste, é possível pensar outros exemplos, todos eles marcados por uma sabedoria tradicional, que não está necessariamente presa às nossas formas urbanas de compreensão. É preciso lembrar de trabalhos como o de Eduardo Vargas (2007) que resgatou a leitura de Gabriel Tarde não pelo fato de acreditar em suas conjecturas, mas por compreender que para que avancemos enquanto ciência é preciso considerar as postulações feitas por outros autores, somente assim poderemos estabelecer outras propostas teóricas. Neste trabalho que proponho, por exemplo, a ideia da monadologia de Tarde não encontra espaço para o seu desenvolvimento já que o tempo e o espaço são elementos anteriores aos compostos, contudo, não posso deixar de considerar questões que podem ser feitas por outros pesquisadores que poderão ver uma aproximação do meu objeto de pesquisa com demais trabalhos de Tarde, bem como, eu mesmo, o antropólogo, não posso me fechar totalmente à sua sociologia sem a considerar por completo. Neste momento faço a opção, a partir de leituras e análises feitas, por trilhar um caminho teórico metodológico sobre as epistemes de povos não

² Entrevista realizada com o capitão Carlos Nascimento, em Dores do Indaiá-MG, 16/08/2019.

urbanos e ciente da necessidade de um olhar SULeado. Só conseguiremos avançar enquanto estudo da nossa antropologia e se reconhecemos que esta precisa pensar suas pesquisas através dos olhares do Sul, de onde nossos pés estão. Entretanto, fugindo a proposta da monadologia, outra postulação de Tarde (2007) pode ser considerada aqui, a concepção da importância da explicação do futuro como um elemento explicativo, fugindo ao padrão da leitura do passado (história). Esta é mais uma das ideias rechaçadas pela leitura ocidental de mundo, pois estamos acostumados a olhar o presente somente com nossos conhecimentos do que já nos ocorreu. Para o autor, é preciso sacrificar a infinitude das possibilidades para que um real se estabeleça.

Retomando a leitura de Kopenawa, bem como a proposta do tema aqui colocado, a visão ameríndia de mundo, e o recado dado a nós pelo xamã Yanomami, é de um mundo humano (ou o fim dele) que está para acontecer a partir de uma leitura conjuntural global, de obviedade, de uma ruptura socioambiental onde nós mesmos estamos fadados a “derrubar o céu” sobre nossas cabeças. O indígena não está preocupado na sua obra em apenas nos apresentar um passado distante de nascimento do mundo e de sua própria história, ele quer que percebamos como os elementos da natureza esta dispostos de uma forma tão delicadamente conectada que a sua modificação atual gerará sua desestruturação. Isso é algo certo. Ailton Krenak, neste mesmo sentido, nos provoca com uma série de questões para que pensemos formas de adiar este fim quase inevitável. Uma das perguntas feitas é “quem disse que a gente não pode cair?” (2020, p.57). Se fizermos uma análise simples, sem filosofar muito sobre a questão, naturalmente iremos achar que o conceito de queda é sempre algo ruim. Será? Essa é a leve e ao mesmo tempo potente provocação feita pelo autor para que pensemos a relação homem e planeta de outra maneira. É também importante frizar, a preocupação deste “fim” alertado por Krenak não é para os povos indígenas, é para o homem branco. Como vão sobreviver sem mudar sua forma de pensamento?

Nossa leitura de tempo e espaço ainda tem muito a aprender com as epistemologias de povos não considerados pela academia e da sociedade urbana. Enquanto só conseguimos perceber com determinada facilidade o que nos aconteceu no passado e desenhemos uma fraca percepção do que acontecerá, os povos indígenas são taxativos: “o céu cairá sobre nossas cabeças”. Sua noção de tempo passa também por uma “viagem” ao futuro para que ele explique nosso presente e lhe deem as “orientações” de como viver o aqui e o agora. Cabe a antropologia desenvolver o exercício do ver, escutar e escrever a partir de uma

antropologia do tempo SULEada onde outras epistemologias sejam abarcadas a nossa produção científica.

Referências

Dossiê SULEar (SUREar). Org.: CAMPOS, M. D. Revista Interdisciplinar Sulear. Ano 2, No 2 (Set./2019).

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FABIAN, J. **Colecionando pensamentos**: sobre os atos de colecionar. Mana, Abr 2010, vol.16, no.1, p.59-73. ISSN 0104-9313

_____. **O tempo e o outro**. Como a Antropologia estabelece seu objeto. Editora Vozes: Petrópolis, 2013.

GELL, A. **A Antropologia do tempo**. Construções culturais de mapas e imagens temporais. Editora Vozes: Petrópolis, 2014.

HAWKING, S. **O universo em uma casca de noz**. Editora Intrínseca: Rio de Janeiro, 2016.

_____. **Uma breve história do tempo**. Editora Intrínseca: Rio de Janeiro, 2015.

KOPENAWA, D; ALBERTH, B. **A queda do céu**. Companhia das letras: São Paulo, 2010.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das letras: São Paulo, 2020.

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Ed. 34, 1994

MALLET, R. **Time traveler**: A scientist's personal mission to make time travel a reality. Editora Basic Books: Whitmont, 2009.

MARRAS, S. Tarde reconquistado. *Revista Novos estudos* – CEBRAP, n°.78, São Paulo, July 2007.

SZTUTMAN, Renato. Natureza & Cultura, versão americanista – Um sobrevoo. *Revista Ponto Urbe*, Ano 3 versão 4.0, julho de 2009.

VARGAS, E. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. In: VARGAS (org.). **Monadologia e sociologia** - e outros ensaios. Sao Paulo: Cosac Naify, 2007

**Notions of time and space from counter-anthropologies readings –
SULEAR and the anthropology of time**

ABSTRACT

This article aims to promote a methodological theoretical debate on of time and space concepts through ethnographic research, questioning our views of time

and space using different epistemologies as principles for constructing social sciences theoretical ideas, such as indigenous sociocosmology. The case study of Davi Kopenawa and the SULear proposal, by the anthropologist Marcio Campos, will be used with the purpose of thinking about a closer dialogue between these different epistemes and the comprehension of world, time, and space concepts.

Keywords: Anthropology of Time; Indigenous Sociocosmology; SULear.